



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS PORTUGUÊS/ DLI

MARIA MOTA BRITO

**A ESCRITA COMO RESISTÊNCIA: A ESTRUTURA EPISTOLAR E A
CRÍTICA SOCIAL EM *HERANÇA DE LÁGRIMAS*, DE ANA PLÁCIDO**

ITABAIANA/SE

2025

MARIA MOTA BRITO

**A ESCRITA COMO RESISTÊNCIA: A ESTRUTURA EPISTOLAR E A
CRÍTICA SOCIAL EM *HERANÇA DE LÁGRIMAS*, DE ANA PLÁCIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal de Sergipe
como requisito parcial para obtenção do título de
Graduado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Vilma Mota Quintela

ITABAIANA/SE

2025

MARIA MOTA BRITO

**A ESCRITA COMO RESISTÊNCIA: A ESTRUTURA EPISTOLAR E A
CRÍTICA SOCIAL EM *HERANÇA DE LÁGRIMAS*, DE ANA PLÁCIDO**

Aprovado em: ____/____/____.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal de Sergipe
como requisito parcial para obtenção do título de
Graduado em Letras – Língua Portuguesa,
avaliado pela seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

Prof. Dra. (UFS)
Orientador

Prof. Dr. (UFS)
Examinador

ITABAIANA/SE

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e à intercessão de Nossa Senhora Aparecida em minha vida, pois foi essa graça que me permitiu alcançar o sonho de estudar e me tornar professora.

Expresso minha profunda gratidão aos meus pais, Selma e Jailton, que jamais mediram esforços para realizar meus sonhos e investir na minha educação. Ao meu esposo, Lucas, pelo apoio incondicional ao longo de toda essa trajetória, sempre com compreensão e amor. Aos meus irmãos, Edson e Eleisiane, por estarem sempre dispostos a me auxiliar em todos os aspectos da vida, não apenas durante os estudos. Ao meu sobrinho, Renan, que, com sua admiração pelo fato de a tia querer ser professora e com seu sorriso, ajudou-me a enfrentar muitos dias difíceis durante a graduação.

Agradeço também à minha sogra, Jaqueline, e às minhas cunhadas, Stefani e Letícia, que, de alguma forma, sempre se fizeram presentes e dispostas a me ajudar. Minha gratidão se estende à minha orientadora, Vilma, por toda a paciência e compreensão, e ao professor Fábio José, que, na UFS, sempre me ofereceu apoio e suporte, com dedicação e carinho.

Sou grata aos meus amigos pessoais — Joyce, Dyego, Jennifer, Felipe, Laís, Grasi, Maysa, Tauane, Samara, Alyne, Nicelia e Claudia — por tornarem meus dias mais leves e alegres nos momentos mais difíceis da graduação.

Agradeço à instituição de ensino, que sempre demonstrou preocupação em oferecer o melhor para seus alunos, e aos professores, cujos ensinamentos e orientações foram fundamentais para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional ao longo do curso.

Por fim, deixo minha gratidão a todos que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento desta pesquisa, contribuindo para o meu aprendizado, bem como a todas as pessoas com quem convivi durante esses anos de curso e que, com incentivo e apoio, tiveram um impacto significativo na minha formação.

RESUMO

Este trabalho analisa a obra *Herança de Lágrimas* (1871) de Ana Plácido, um romance epistolar que aborda temas como o adultério, a hipocrisia social e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, refletindo as normas e preconceitos da sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX. Além disso, o presente estudo explora a biografia da autora e o contexto histórico-literário no qual se insere a sua produção literária, destacando o seu posicionamento frente às normas e preconceitos que marcaram a sociedade em sua época. O romance, escrito, em parte, em forma de cartas, torna possível uma imersão profunda no universo interior da protagonista, promovendo uma reflexão sobre suas aflições morais, decorrentes da luta entre a resignação e o desejo de liberdade. Ao longo do estudo, são analisados os elementos narrativos da obra, dentre esses a estrutura epistolar, a construção da esfera psicológica das personagens e os temas centrais da narrativa, tais como o casamento arranjado, a repressão feminina e a busca por independência. Este trabalho também discute a importância de resgatar e valorizar a produção literária de Ana Plácido, considerando a sua relevância para a literatura portuguesa de modo geral, em particular, a uma reflexão sobre o imaginário social do seu tempo, caracterizado pela transição da monarquia absolutista para um regime mais liberal, que trouxe à tona debates sobre direitos individuais, moralidade e a posição das mulheres na sociedade. Dessa forma, espera-se contribuir para uma reflexão crítica sobre o papel da mulher na literatura, especialmente, ao enriquecimento do patrimônio crítico do romance *Herança de Lágrimas*, sem dúvida, um importante marco da escrita feminina do século XIX.

Palavras chaves: Ana Plácido; autoria feminina; relações de gênero; romance epistolar; romantismo/realismo português.

ABSTRACT

This paper analyzes the work *Herança de Lágrimas* (1871) by Ana Plácido, an epistolary novel that addresses themes such as adultery, social hypocrisy, and the struggles faced by women, reflecting the norms and prejudices of Portuguese society in the second half of the 19th century. Additionally, this study explores the biography of the author and the historical-literary context in which her literary production is situated, highlighting her stance on the norms and prejudices that shaped society during her time. The novel, partly written in the form of letters, allows for an in-depth immersion into the protagonist's inner world, promoting a reflection on her moral afflictions, stemming from the conflict between resignation and the desire for freedom. Throughout the study, the narrative elements of the work are analyzed, including its epistolary structure, the construction of the psychological realm of the characters, and the central themes of the narrative, such as arranged marriages, female repression, and the pursuit of independence. This paper also discusses the importance of rescuing and valuing Ana Plácido's literary production, considering its relevance to Portuguese literature in general, particularly in reflecting the social imagination of her time, marked by the transition from absolute monarchy to a more liberal regime, which brought to the forefront debates about individual rights, morality, and the role of women in society. Thus, it is hoped that this study will contribute to a critical reflection on the role of women in literature, especially by enriching the critical heritage of *Herança de Lágrimas*, undoubtedly an important milestone in 19th-century female writing.

Keywords: Ana Plácido; female authorship; gender relations; epistolary novel; Portuguese romanticism/realism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. AUTORIA E CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO.....	9
1.1 A AUTORA E O CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA	9
1.2 <i>HERANÇA DE LÁGRIMAS</i> : UM ROMANCE EPISTOLAR	10
2. ESTUDO ANALÍTICO DA OBRA	12
2.1 TEMÁTICA E BREVE DESCRIÇÃO DOS FATOS NARRADOS	15
2.3 ENREDO	17
2.4 FOCO NARRATIVO E CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS	21
2.5 A RELAÇÃO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE NA OBRA	22
2.6 ANÁLISE DAS PERSONAGENS.....	22
2.8. O DESFECHO EPISTOLAR	25
3. A ESTRUTURA EPISTOLAR EM <i>HERANÇA DE LÁGRIMAS</i>	25
3.1 A FUNÇÃO DA ESTRUTURA EPISTOLAR EM <i>HERANÇA DE LÁGRIMAS</i>	26
3.1.1 <i>A intimidade das cartas: a voz feminina em primeira pessoa</i>	27
3.1.2 <i>A Dualidade entre voz pública e voz privada</i>	28
3.1.3 <i>A Escrita como resistência e busca por identidade</i>	29
3.2 A RELAÇÃO ENTRE A FORMA EPISTOLAR E A CRÍTICA SOCIAL	29
3.2.1 <i>A estrutura epistolar como ferramenta de denúncia social</i>	30
3.2.2 <i>A Crítica ao matrimônio e à moralidade feminina</i>	31
3.2.3 <i>A Memória e a escrita como resistência feminina</i>	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

A literatura tem desempenhado um papel fundamental na construção e reflexão das questões sociais, especialmente, no que diz respeito à posição da mulher na sociedade. No século XIX, um período marcado por fortes convenções patriarcais e pela marginalização da voz feminina, a escrita tornou-se uma ferramenta de resistência e expressão para muitas autoras. Nesse contexto, destaca-se *Herança de Lágrimas*, de Ana Plácido, um romance epistolar que expõe as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, o sentimento de opressão decorrente da necessidade de adequação ao casamento arranjado e as limitações impostas por certas convenções da sociedade da época, envolvendo a mulher e sua vida social e doméstica.

A obra, publicada em 1871, insere-se na tradição do romance epistolar, um gênero que permite um mergulho profundo na subjetividade das personagens, dando voz aos seus pensamentos e sentimentos mais íntimos. Através das cartas da protagonista, observa-se o conflito entre a resignação e o desejo de liberdade, uma luta que ressoa com as experiências de inúmeras mulheres que, ao longo da história, viram-se aprisionadas por normas sociais inflexíveis.

Este trabalho tem como objetivo analisar *Herança de Lágrimas* sob uma perspectiva crítica, considerando seus aspectos narrativos, sua estrutura epistolar e a representação da condição feminina na obra. Para tanto, o estudo será dividido em capítulos que abordam a autoria e o contexto histórico-literário, os elementos narrativos e temáticos do romance, e uma análise detalhada das personagens e das epístolas. Além disso, será realizada uma reflexão sobre o impacto da obra na literatura portuguesa e sua importância na valorização da escrita feminina.

A escolha dessa obra para análise se justifica pela necessidade de resgatar e valorizar a contribuição de Ana Plácido para a literatura portuguesa, uma vez que sua produção literária permaneceu por muito tempo obscurecida pelo legado de Camilo Castelo Branco. Assim, espera-se que esta pesquisa contribua para um olhar mais atento sobre o papel das mulheres na literatura e para a ampliação dos estudos sobre a escrita feminina no século XIX.

1. AUTORIA E CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO

1.1 A autora e o contexto histórico da obra

Ana Plácido (1831-1895) foi uma das escritoras mais importantes do século XIX em Portugal, conhecida por desafiar as normas sociais e literárias de sua época. Sua produção literária e sua trajetória pessoal foram marcadas por uma luta constante contra os paradigmas impostos pela sociedade patriarcal, que via com maus olhos a participação ativa da mulher no meio intelectual. Mais do que uma autora talentosa, Ana Plácido foi uma figura transgressora, cujo legado literário e histórico merece maior reconhecimento.

Segundo Conceição Flores (2017), a história da literatura de autoria feminina no século XIX permanece incompleta sem a inclusão de Ana Plácido, uma escritora "lúcida e corajosa que ousou ultrapassar as imposições sociais de seu tempo" (Flores, 2017, p. 165). De fato, a escrita feminina era frequentemente marginalizada pelos historiadores da literatura, sendo reduzida a um papel secundário ou meramente decorativo dentro do Romantismo português.

Nascida no Porto, Ana Plácido demonstrou desde cedo inclinação para a literatura. Seu talento, porém, foi eclipsado pelas convenções sociais que impunham à mulher o dever de se restringir ao âmbito doméstico. Apesar disso, ela conseguiu acesso a uma formação cultural diferenciada, que a aproximou da literatura clássica e contemporânea. No entanto, sua vida foi marcada por conflitos emocionais e sociais: por imposição familiar, casou-se com Manuel Pinheiro Alves, um comerciante rico, 24 anos mais velho. Esse casamento não impediu que ela nutrisse um amor profundo por Camilo Castelo Branco, um dos mais renomados escritores portugueses da época. A relação extraconjugal entre os dois gerou um escândalo social, culminando na prisão de ambos entre 1860 e 1861 (Flores, 2017, p. 165). Durante o período em que permaneceu encarcerada, Ana Plácido produziu uma obra que mescla memória, crítica social e introspecção.

Entre os textos mais notáveis escritos nesse período está *Luz Coadá por Ferros* (1863), um conjunto de textos que inclui *Meditações*, obra de cunho autobiográfico. Esse livro não apenas apresenta uma análise das condições de aprisionamento da escritora, mas também oferece uma reflexão mais ampla sobre o papel da mulher na sociedade do século XIX. Segundo Machado (1995), "é nas ideias, nas considerações, nas frases de análise,

que a todo o momento acodem ao reflexivo espírito desta senhora, que se revelam gradualmente os períodos da sua desventura" (Machado, 1995, p. XIII).

A produção literária feminina desse período era frequentemente negligenciada pelos historiadores da literatura portuguesa, como Mendes dos Remédios (1908) e Albino Forjaz de Sarmiento (1942), que relegavam as escritoras a um plano secundário (Flores, 2017, p. 166). Como observa Edfelt (2006), "houve da parte dos historiadores da literatura portuguesa um tratamento de negligência: amalgamento e ambivalência" (Edfelt, 2006, p. 74), o que explica a escassa valorização do trabalho de Ana Plácido ao longo do tempo.

O contexto literário em que Ana Plácido se insere é o do Romantismo, movimento que privilegiava a subjetividade, o sentimentalismo e a liberdade criativa. No entanto, diferentemente de muitos autores românticos, sua escrita carrega um forte teor de crítica social. Como aponta Lejeune (1975), a autobiografia é "uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, destacando sua vida pessoal e sua história de personalidade" (Lejeune, 1975, p. 14). Esse conceito se aplica diretamente à produção de Ana Plácido, cuja escrita mistura memória e identidade.

Na verdade, a própria Ana Plácido reconhecia a importância da escrita como forma de resistência. Em suas *Meditações*, ela afirma: "Não dêmos ao homem a fácil vitória da nossa inércia. Entremos desassombradas nesse trilho em que os mesmos espinhos nos fazem esquecer outras dores" (Plácido, 1995, citado em Flores, 2017, p. 92). Essa perspectiva revela sua postura ativa e contestadora, que a coloca ao lado de outras escritoras que ousaram desafiar a ordem estabelecida.

Assim, podemos considerar que Ana Plácido desempenhou um papel fundamental na literatura portuguesa não apenas como autora, mas também como intelectual que refletiu sobre as condições da mulher em sua época. Sua obra, embora tenha sido muitas vezes ignorada, merece ser resgatada e analisada sob uma nova perspectiva crítica que valorize sua contribuição para o pensamento literário e social do século XIX.

1.2 Herança de lágrimas: um romance epistolar

A obra *Herança de Lágrimas* (1871) é um exemplo significativo do gênero epistolar, caracterizado pela narrativa composta por cartas que revelam os pensamentos e

emoções das personagens. Esse formato era comum no século XIX e permitia uma abordagem mais intimista dos conflitos individuais e sociais.

O gênero epistolar, amplamente utilizado na literatura oitocentista, destaca-se por sua capacidade de oferecer uma visão subjetiva e detalhada das experiências humanas. Segundo estudiosos da literatura, essa estrutura narrativa permite que os leitores tenham acesso direto às reflexões e sentimentos das personagens, criando uma sensação de imersão e autenticidade (Silva, 2010). Ao eliminar a figura de um narrador onisciente, a narrativa epistolar confere maior realismo às experiências relatadas, tornando as angústias e esperanças das personagens mais palpáveis.

Outra característica essencial do gênero epistolar é a possibilidade de multiplicidade de vozes, permitindo que diferentes perspectivas sobre um mesmo evento sejam apresentadas. Conforme assinala Souza (2015), a troca de cartas possibilita que os leitores construam uma compreensão mais ampla das relações sociais e das dificuldades enfrentadas pelas personagens, especialmente as femininas. Em um contexto onde as mulheres tinham poucas oportunidades de expressão, o uso das cartas na ficção se tornou uma estratégia para evidenciar seus dilemas e resistências.

Além disso, o gênero epistolar favorece a representação de conflitos internos e transforma a correspondência em um espaço de confissão e análise pessoal. De acordo com Mendes (2018), a escrita de cartas não apenas reflete os sentimentos das personagens, mas também funciona como um meio de autoconhecimento e elaboração das experiências vividas. Dessa forma, o leitor acompanha não apenas a história, mas também o processo de amadurecimento emocional e intelectual das personagens.

No caso de *Herança de Lágrimas*, Ana Plácido utilizou essa estrutura para dar voz às personagens femininas, explorando suas angústias e desafios em uma sociedade opressora. Como aponta a autora em suas Meditações, "A vitória é minha. Fraca porque sou mulher, pobre, oprimida pela inveja e pelo ódio, não hei de sucumbir, ainda assim!" (Plácido, 1995, citado em Flores, 2017, p. 172). Essa declaração evidencia sua consciência sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres de sua época, muitas das quais viam no casamento a única possibilidade de sobrevivência social e financeira.

O romance epistolar também reforça a ideia de confissão e subjetividade, aspectos essenciais da autobiografia. Segundo Ecléa Bosi (1999), "a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora" (Bosi,

1999, citado em Flores, 2017, p. 167). Em *Herança de Lágrimas*, essa memória se manifesta nas cartas das personagens, revelando a opressão feminina e os dilemas morais vividos pela protagonista.

A estrutura epistolar é particularmente significativa porque permite que a história seja contada de diferentes perspectivas, sem a mediação direta de um narrador onisciente. Isso confere à narrativa um tom de maior autenticidade, aproximando o leitor das emoções e pensamentos das personagens. Como observa Maingueneau (1995), "o contexto da obra literária é fundamental para a interpretação de seu significado" (Maingueneau, 1995, p. 46). A escolha do formato epistolar em *Herança de Lágrimas* evidencia a influência das experiências pessoais da autora, assim como sua intenção de dar autenticidade às emoções narradas.

Por fim, a obra de Ana Plácido representa um marco na literatura feminina portuguesa, tanto por seu conteúdo crítico quanto por sua forma inovadora. Sua produção desafia as convenções de gênero e estilo de sua época, consolidando seu lugar na história literária do século XIX. Como apontam Correa & Justo (2010), "cada vez que uma lembrança é evocada, há a possibilidade de emergirem novos significados sobre o mesmo acontecimento" (Correa & Justo, 2010, p. 252). Essa dinâmica é essencial para entender *Herança de Lágrimas*, uma obra que resgata emoções e memórias de um tempo marcado por desafios e transgressões, reafirmando o lugar de Ana Plácido como uma das grandes escritoras da literatura portuguesa.

2. ESTUDO ANALÍTICO DA OBRA

Herança de Lágrimas é um romance epistolar que, ao longo de sua narrativa, explora as complexas questões sociais e emocionais vividas por Dianna de Sepúlveda, a protagonista. As personagens centrais, Dianna e D. Branca, são representações de diferentes aspectos da mulher na sociedade portuguesa do século XIX. Dianna, jovem e cheia de esperanças, tenta romper com os limites impostos pela sociedade, mas se vê refém das expectativas familiares e sociais. D. Branca, sua mãe, é uma mulher que já viveu as dores da opressão social e do casamento sem amor, e cuja história de sofrimento serve de reflexão sobre as escolhas de sua filha. O romance é marcado por um espaço doméstico e familiar, essencialmente privado, que ilustra a reclusão e a falta de liberdade

das mulheres da época. O tempo da narrativa é não linear, com a alternância entre as cartas de Dianna e os acontecimentos relacionados à vida de sua mãe, o que contribui para uma trama fragmentada e dinâmica, à medida que a história se desvela de acordo com a ordem em que as cartas são apresentadas.

No que diz respeito à temática, *Herança de Lágrimas* aborda questões como o adultério, a hipocrisia social e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, refletindo as normas e preconceitos da sociedade portuguesa do século XIX. A obra faz uma crítica ao casamento arranjado, um instrumento de opressão social que limita a liberdade das mulheres, como é evidente nas angústias de Dianna ao longo da narrativa. Ela se vê em um dilema entre o dever e o desejo, entre o conformismo e a busca por autonomia. Em uma das passagens mais reveladoras, Dianna escreve: "Se eu fosse livre, poderia ser feliz, mas a sociedade não me permite esse luxo", mostrando a frustração de uma mulher que anseia por liberdade, mas se vê aprisionada pelas convenções sociais que regem sua vida.

Além disso, o romance ilustra a busca pela independência feminina e os desafios enfrentados pelas mulheres ao tentar equilibrar suas aspirações pessoais com as expectativas da sociedade. A obra destaca o confronto entre o desejo individual de liberdade e a repressão imposta pela moral social, criando um retrato crítico da vida na alta sociedade portuguesa do século XIX. Em outro trecho, a autora reflete sobre o dilema de Dianna: "A herança de lágrimas que minha mãe me deixou é a liberdade que eu busco, mas temo que ela me fuja entre os dedos, como água", enfatizando o sofrimento gerado pela tentativa de conquistar uma liberdade que parece inalcançável.

Dessa forma, *Herança de Lágrimas* não só é um marco na literatura portuguesa, mas também uma crítica às estruturas sociais que limitam a liberdade das mulheres. A obra oferece uma reflexão profunda sobre as tensões entre as expectativas sociais e a busca por liberdade individual, sendo um importante retrato das dificuldades enfrentadas pelas mulheres da sociedade portuguesa na transição do século XIX, e especialmente uma valiosa contribuição para a literatura feminista da época.

O enredo se desenrola por meio das cartas trocadas entre a protagonista e outros personagens, recurso que confere à narrativa um caráter fragmentado e dinâmico. O tempo da narrativa, portanto, é não-linear, pois depende da ordem em que as cartas são apresentadas e do fluxo das emoções das personagens. Esse método é essencial para

construir a verossimilhança emocional e psicológica da obra, permitindo que o leitor acompanhe de perto os conflitos internos da protagonista.

O romance também se caracteriza por um narrador autodiegético, ou seja, a história é contada pela própria protagonista por meio de suas cartas. Esse recurso reforça a imersão na perspectiva feminina e expõe as angústias e desafios da personagem principal. Segundo Ecléa Bosi (1999), "a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora" (Bosi, 1999, citado em Flores, 2017, p. 167). Dessa forma, a estrutura epistolar de *Herança de Lágrimas* se encaixa dentro da tradição de romances que utilizam a correspondência como mecanismo de expressão e de construção psicológica das personagens.

O espaço narrativo em *Herança de Lágrimas* desempenha um papel fundamental na construção das emoções e dos dilemas das personagens, refletindo diretamente a repressão e as limitações impostas pela sociedade portuguesa do século XIX. O romance é predominantemente ambientado em espaços privados e confinados, como o lar de Dianna, onde o controle sobre suas ações e escolhas é palpável. A casa de Dianna, em particular, é descrita como um espaço opressor, um local onde ela está fisicamente restrita, mas também emocionalmente aprisionada pelas expectativas familiares e sociais. A protagonista, que se vê refém de um casamento arranjado e das normas sociais que a definem como mulher, busca nos espaços internos de sua casa um refúgio para suas frustrações e angústias. As cartas, portanto, se tornam a única forma de expressão e resistência para Dianna, que, ao escrever para suas amigas, tenta encontrar uma válvula de escape para seus sentimentos de opressão.

A atmosfera desses espaços é carregada de tensão, refletindo a repressão emocional que Dianna e outras personagens femininas enfrentam. A casa, como metáfora para a prisão, é uma representação das limitações impostas à mulher da época. Em sua correspondência, Dianna descreve frequentemente o espaço como sufocante, como em um trecho em que ela diz: "Sinto o peso das paredes, que me cercam como um castigo, e me afasta da liberdade que tanto desejo." Esse ambiente confinado contrasta com os desejos da protagonista de escapar, de conquistar sua autonomia e de romper com os grilhões sociais. A casa, portanto, não é apenas um lugar físico, mas um reflexo do espaço emocional de Dianna, um lugar onde suas aspirações se veem constantemente abafadas pela rigidez das normas sociais.

Além disso, a narrativa de *Herança de Lágrimas* também expõe as limitações de outros espaços, como os salões da alta sociedade, onde Dianna é forçada a desempenhar o papel de esposa submissa e conformada. Esses espaços de convivência social são descritos como palco de interações superficiais, onde o que realmente importa é a aparência e o cumprimento das convenções sociais, mais do que as verdadeiras emoções ou desejos das personagens. Dianna, que sente uma grande desconexão desses espaços, escreve: "Os salões, com suas conversas vazias, apenas reforçam a distância que sinto entre mim e o mundo." Aqui, a autora utiliza o ambiente como uma metáfora para a alienação da protagonista, que, embora fisicamente presente, se sente emocionalmente distante de sua realidade social.

Esses espaços são fundamentais para entender o universo interior das personagens. A casa de Dianna e os salões da sociedade portuguesa não são apenas cenários da ação, mas também elementos que concretizam as tensões entre os desejos individuais das personagens e as pressões externas. A narrativa de Ana Plácido, ao articular esses espaços com as emoções e dilemas das personagens, cria uma atmosfera rica e complexa, que transmite de forma vívida a luta pela liberdade individual e o sofrimento decorrente da repressão social.

Como destaca Flores (2017), "a história da literatura de autoria feminina no século XIX permanece incompleta sem a inclusão de Ana Plácido" (Flores, 2017, p. 165), e é exatamente esse espaço literário, onde as emoções e os espaços físicos se intercalam, que torna *Herança de Lágrimas* um marco na literatura feminina da época.

2.1 Temática e breve descrição dos fatos narrados

A temática central de *Herança de Lágrimas* gira em torno da condição feminina no século XIX, explorando as imposições sociais que restringiam a liberdade das mulheres. O romance aborda questões como o casamento forçado, a falta de autonomia feminina, a hipocrisia social e a luta por independência. A obra se insere dentro de um contexto literário mais amplo, que questiona a subordinação da mulher e denuncia as injustiças de uma sociedade patriarcal.

A narrativa acompanha a trajetória da protagonista, uma jovem forçada a um casamento sem amor, submetida a um destino que não escolheu, embora em seu caso

tenha se casado com um homem mais velho, mas que a tratava bem. Em suas cartas, ela descreve sua angústia e sofrimento de seu casamento sem amor, refletindo sobre sua própria existência e seu papel na sociedade. Como destaca Ana Plácido em suas *Meditações*, "A vitória é minha. Fraca porque sou mulher, pobre, oprimida pela inveja e pelo ódio, não hei de sucumbir, ainda assim!" (Plácido, 1995, citado em Flores, 2017, p. 172). Essa declaração sintetiza o espírito de resistência da protagonista, que luta para afirmar sua identidade e sua voz em um mundo que insiste em silenciá-la.

O romance também se constrói a partir de um forte contraste entre emoções e racionalidade. A personagem principal, ao longo das cartas, oscila entre a esperança de um futuro melhor e o desespero diante da opressão que sofre. Essa dinâmica é essencial para a construção de um drama que não apenas emociona, mas também provoca reflexões profundas sobre a condição feminina.

Outro ponto importante é a influência da literatura epistolar na maneira como a história é contada. A escrita em cartas permite que os sentimentos sejam expressos de maneira mais crua e autêntica, aproximando o leitor do universo da protagonista. Como observa Correa & Justo (2010), "cada vez que uma lembrança é evocada, há a possibilidade de emergirem novos significados sobre o mesmo acontecimento" (Correa & Justo, 2010, p. 252). Assim, *Herança de Lágrimas* se torna não apenas um relato de sofrimento, mas um espaço de reflexão sobre o papel da memória e da experiência na construção da identidade feminina.

Dessa forma, a obra de Ana Plácido representa um marco na literatura portuguesa do século XIX, não apenas por sua estrutura inovadora, mas também por sua abordagem crítica e sensível sobre a condição feminina. *Herança de Lágrimas* se destaca como um testemunho literário que desafia as normas da época e permanece relevante para discussões contemporâneas sobre gênero, liberdade e identidade.

O romance *Herança de Lágrimas*, de Ana Plácido, apresenta uma narrativa marcada por uma profunda crítica às opressões sociais do século XIX, em especial à condição feminina dentro de uma sociedade patriarcal. A obra se insere na tradição do romance epistolar, um gênero que possibilita a imersão subjetiva na experiência das personagens e evidencia as angústias, dilemas e resistências das mulheres diante das normas impostas pela sociedade.

A trama do romance se desenvolve através da troca de cartas entre os personagens, o que confere à narrativa um caráter intimista e introspectivo. Como destaca Maingueneau (1995), "o contexto da obra literária é fundamental para a interpretação de seu significado" (p. 46). No caso de *Herança de Lágrimas*, esse contexto se revela por meio da correspondência que dá voz às emoções e experiências das protagonistas. Ana Plácido utiliza essa estrutura para apresentar a história de uma jovem que enfrenta desafios impostos pelo destino, pela moralidade da época e pelas relações de poder entre homens e mulheres.

A opressão feminina surge como um dos eixos centrais da obra, refletindo as imposições sociais que restringiam a autonomia das mulheres no século XIX. Como ressalta Ana Plácido em suas *Meditações*, "A vitória é minha. Fraca porque sou mulher, pobre, oprimida pela inveja e pelo ódio, não hei de sucumbir, ainda assim!" (Plácido, 1995, citado em Flores, 2017, p. 172). Esse trecho evidencia a resistência da protagonista frente às adversidades e reforça a temática do empoderamento feminino na narrativa.

Além disso, *Herança de Lágrimas* também dialoga com a tradição romântica ao apresentar conflitos emocionais intensos e um forte apelo sentimental. A protagonista vive uma história permeada por dilemas morais, traições e sofrimentos, características que aproximam a obra dos grandes romances epistolares da literatura universal. Segundo Ecléa Bosi (1999), "a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora" (Bosi, 1999, citado em Flores, 2017, p. 167), o que ilustra a maneira como a protagonista revisita suas dores e traumas ao longo da narrativa.

A ambientação da obra também desempenha um papel crucial na construção da trama. O espaço narrativo reflete a reclusão e o aprisionamento psicológico da protagonista, evidenciando sua posição submissa dentro de um sistema social rígido. Dessa forma, o romance transcende sua história individual e se torna um testemunho da condição feminina no século XIX, abordando temas como casamento arranjado, a ausência de direitos civis para as mulheres e a constante vigilância social sobre suas condutas.

2.3 Enredo

A obra se divide em duas partes bem distintas, sendo a primeira composta por uma série de cartas trocadas entre Dianna e outras personagens secundárias, como Henriqueta e Nuno d'Alvarães. Essa primeira parte, estruturada em forma de correspondências, permite ao leitor mergulhar nos dilemas emocionais de Dianna, que enfrenta a frustração de um casamento arranjado e a busca por uma liberdade que lhe é negada pelas convenções sociais. Na segunda parte do romance, a narrativa abandona a forma epistolar e adota a terceira pessoa para explorar a história de D. Branca, a falecida mãe de Dianna. A escolha de alternar entre a primeira e a terceira pessoa ao longo da obra cria uma profundidade psicológica nas personagens, ao mesmo tempo que ilustra como as experiências de D. Branca influenciam as escolhas e os conflitos de sua filha.

A narrativa em primeira pessoa, apresentada pelas cartas de Dianna, oferece uma visão íntima e emocional da protagonista, permitindo que suas angústias, dúvidas e conflitos internos sejam revelados de maneira direta e pessoal. Essa perspectiva é interrompida na segunda parte do romance, quando o foco se desloca para a vida de D. Branca, narrada em terceira pessoa, o que expande a compreensão do leitor sobre os padrões de comportamento e os dilemas morais que estruturam a vida das mulheres daquela época. Essa alternância de perspectivas, ao mesmo tempo que destaca as experiências individuais das personagens, também conecta o passado e o presente, refletindo as continuidades e rupturas nas vivências das mulheres em diferentes gerações.

Como é dito anteriormente, a primeira parte do romance é estruturada em forma de narrativa epistolar, configurando-se a partir de uma série de correspondências trocadas entre a protagonista e outros personagens, compondo um mosaico de sentimentos e acontecimentos que moldam sua trajetória. Por meio dessas correspondências, pouco a pouco, delineia-se o drama amoroso vivido por Dianna e sua história familiar, marcada por desafios próprios do contexto social em que ela se insere. A protagonista se impelida um casamento por conveniência, um destino comum a muitas mulheres da sociedade burguesa do século XIX, cujo matrimônio era frequentemente determinado por interesses socioeconômicos, evidenciando-se, nesse contexto, o estatuto da mulher como um bem de troca em acordos que se assemelhavam a transações comerciais.

Já a segunda parte do romance abandona a forma epistolar e adota a narrativa em terceira pessoa para reconstituir a vida desventurosa de D. Branca, mãe de Dianna. Essa mudança estrutural marca uma transição significativa na obra, pois amplia o escopo da

narrativa e permite ao leitor compreender os antecedentes históricos e emocionais que influenciam a trajetória da protagonista.

D. Branca, uma figura trágica dentro da história, teve sua vida moldada por restrições sociais e expectativas impostas às mulheres da aristocracia. Desde a juventude, ela enfrentou pressões familiares que a obrigaram a aceitar um casamento de conveniência, no qual seus desejos e aspirações foram completamente negligenciados. A falta de autonomia sobre sua própria vida resultou em um relacionamento infeliz e sufocante, caracterizado pela submissão e pela constante necessidade de se adequar às normas impostas pela sociedade. Seu casamento não apenas determinou seu destino, mas também restringiu severamente suas possibilidades de felicidade e realização pessoal.

A narrativa revela, em detalhes, os momentos de sofrimento e resignação de D. Branca, ressaltando como sua existência foi marcada por sacrifícios. Através de flashbacks e descrições minuciosas, o leitor é levado a compreender a angústia da personagem diante da impossibilidade de escapar das amarras sociais. A solidão e a melancolia são sentimentos recorrentes em sua trajetória, reforçando a ideia de que as mulheres de sua época eram frequentemente condenadas a uma vida de privações emocionais e submissão.

A interseção entre as histórias de D. Branca e Dianna se dá na forma como os traumas e dilemas da mãe reverberam na vida da filha. Ao conhecer a história de sua mãe, Dianna passa a compreender melhor a sua própria condição e as forças que a constroem. Essa relação entre passado e presente é essencial para a construção da identidade da protagonista, que se vê espelhada nas dificuldades vividas por D. Branca. Dessa maneira, a narrativa destaca não apenas os desafios individuais das personagens, mas também os padrões cíclicos de opressão que atravessam gerações de mulheres.

A escolha pela mudança de perspectiva narrativa na segunda parte do romance não é apenas uma questão estilística, mas uma estratégia para ampliar a compreensão do leitor sobre a complexidade das relações sociais e emocionais que moldam as vidas de Dianna e D. Branca. Ao abandonar a voz íntima e subjetiva da protagonista e adotar uma visão mais distanciada, o romance evidencia como os destinos das mulheres eram frequentemente determinados por fatores externos, que iam além de suas vontades individuais. A terceira pessoa permite uma abordagem mais panorâmica dos eventos,

oferecendo um olhar analítico sobre a sociedade da época e a forma como esta perpetuava desigualdades de gênero.

A conexão entre as duas partes do romance também se dá por meio dos temas recorrentes de sacrifício, opressão e resistência. Enquanto D. Branca foi vítima de um destino inescapável, Dianna, mesmo enfrentando desafios semelhantes, demonstra um desejo mais latente de romper com as convenções impostas. A consciência da história de sua mãe fortalece sua determinação de não seguir exatamente os mesmos passos, embora a estrutura social permaneça como um obstáculo significativo.

Por fim, a justaposição das duas narrativas – a primeira, epistolar e subjetiva, e a segunda, onisciente e descritiva – enfatiza a continuidade dos dilemas femininos e denuncia a persistência das estruturas sociais opressoras. O romance, assim, constrói um retrato sensível e crítico da condição da mulher na sociedade burguesa do século XIX, mostrando como as experiências de uma geração influenciam diretamente a trajetória da outra. A narrativa, ao estabelecer esse vínculo entre mãe e filha, ressalta a importância da memória e da experiência feminina na compreensão dos papéis sociais impostos e na possibilidade de contestação e mudança.

Segundo Gomes (2017), "Ana Plácido foi uma das primeiras autoras a construir uma personagem feminina que não apenas sofre com as imposições da sociedade, mas que também desenvolve uma consciência crítica em relação à sua condição" (p. 214).

Ao longo da narrativa, a protagonista encontra na escrita de cartas um espaço de resistência e expressão, onde pode registrar suas angústias e questionamentos sobre a realidade que a cerca. As cartas se tornam, portanto, um instrumento de denúncia e reflexão sobre o papel da mulher na sociedade da época. Como observa Correa & Justo (2010), "cada vez que uma lembrança é evocada, há a possibilidade de emergirem novos significados sobre o mesmo acontecimento" (p. 252), demonstrando como a narrativa epistolar permite uma ressignificação contínua dos eventos vividos pela personagem.

O desfecho da obra não apenas encerra a história pessoal da protagonista, mas também reforça sua crítica social. O destino da personagem principal ilustra a impossibilidade de uma verdadeira libertação dentro da sociedade patriarcal, uma vez que as estruturas de poder continuam a impor limites às mulheres. Essa conclusão melancólica e reflexiva contribui para consolidar *Herança de Lágrimas* como um romance que vai

além da ficção sentimental, tornando-se um documento literário sobre as dificuldades e os anseios das mulheres do século XIX.

Dessa forma, a obra de Ana Plácido não apenas se destaca dentro da literatura portuguesa do século XIX, mas também dialoga com questões universais relacionadas à condição feminina, ao poder das palavras como instrumento de resistência e à luta por autonomia em uma sociedade marcada pela desigualdade de gênero.

2.4 Foco narrativo e construção das personagens

Na estrutura narrativa mista do romance *Herança de lágrimas*, configura-se um foco narrativo dinâmico e multifacetado. Assim, a primeira parte do romance, que se desenvolve em forma epistolar, temos uma dinâmica narrativa em primeira pessoa, de forma que a narração transita da protagonista para seus interlocutores, sua amiga Henriqueta e seu amante Nuno d'Alvarães. Esse tipo de narrativa permite uma maior imersão na subjetividade da protagonista, dando ao leitor um acesso direto aos seus pensamentos e sentimentos. Já a segunda parte se desenvolve, quase que totalmente, em terceira pessoa, tendo como foco a trajetória infeliz de Dona Branca de Alvarães, mãe da protagonista Dianna.

Dianna, a personagem principal se destaca pela profundidade psicológica e pela evolução ao longo da trama. No início, ela se encontra resignada diante do destino que lhe foi imposto, mas, conforme escreve suas cartas e reflete sobre sua condição, começa a desenvolver um senso crítico e uma maior consciência de sua opressão. Esse processo de amadurecimento é um dos elementos mais marcantes do romance.

Os personagens secundários, por sua vez, exercem papéis fundamentais na história, funcionando como catalisadores das mudanças internas da protagonista. As figuras masculinas representam, em grande parte, a imposição social e a dominação patriarcal, enquanto as personagens femininas secundárias aparecem como espelhos das diferentes formas de resistência e submissão dentro daquele contexto histórico.

Segundo Bakhtin (2015), "a literatura epistolar possibilita a coexistência de múltiplas vozes, sem que uma delas tenha domínio absoluto sobre as demais" (p. 89). Isso significa que, ao longo da narrativa, há diferentes perspectivas sobre os acontecimentos,

permitindo que o leitor compreenda melhor as contradições e conflitos vividos pela protagonista.

2.5 A Relação entre ficção e realidade na obra

A obra *Herança de Lágrimas* não pode ser analisada sem considerar o contexto histórico em que foi escrita. Ana Plácido, além de escritora, viveu experiências pessoais que ressoam em sua obra, como o preconceito sofrido por sua relação com Camilo Castelo Branco. Esse vínculo entre ficção e realidade confere à narrativa uma dimensão autobiográfica, ainda que a história em si não seja estritamente baseada em fatos reais.

A literatura do século XIX frequentemente utilizava elementos ficcionais para questionar a sociedade e provocar reflexões sobre temas como moralidade, relações de gênero e desigualdade social. Como aponta Candido (2007), "o romance do século XIX funciona como um espelho da sociedade, capturando suas tensões e contradições" (p. 102). Em *Herança de Lágrimas*, essa função se manifesta na forma como Ana Plácido retrata a condição feminina e a luta por autonomia dentro de um mundo que restringia as possibilidades das mulheres.

Assim, a obra não apenas se insere na tradição do romance romântico e epistolar, mas também se destaca como um importante testemunho literário sobre as desigualdades de gênero e os desafios enfrentados pelas mulheres no século XIX.

2.6 Análise das personagens

Diana de Sepúlveda

Diana é a protagonista e narradora da primeira parte da obra, sendo filha de D. Branca de Alvarães e Rodrigo Lacerda. Criada dentro dos padrões da aristocracia portuguesa, é uma mulher de refinado intelecto, culta e apreciadora de literatura. Desde a infância, sua vida foi moldada pelas conveniências sociais, sendo prometida em casamento a Álvaro de Sepúlveda, um homem respeitável e amigo da família.

O sofrimento de Diana decorre do dilema entre a obrigação matrimonial e o desejo por um amor verdadeiro, impossível dentro das convenções da sociedade lisboeta. Sua

correspondência com Henriqueta reflete essa dualidade, evidenciada quando escreve: *“Minha amiga, se ao menos o coração obedecesse à razão, não haveria dor em mim.”* Ao longo da narrativa, a personagem transita entre o papel de esposa perfeita e amante secreta de Nuno d'Alvarães, experimentando um amor proibido que culmina em um destino marcado pelo sofrimento e arrependimento.

Henriqueta

Henriqueta é a confidente de Diana, sendo a destinatária de suas cartas na primeira parte do livro. Representa o oposto do destino da protagonista, pois é uma mulher realizada em seu casamento e plenamente feliz ao lado do marido. Diana a admira profundamente por essa realização amorosa, expressando tal sentimento ao escrever: *“Oh, minha querida Henriqueta, quão doce deve ser amar e ser amada sem medo do mundo!”*

Henriqueta tem participação passiva na narrativa, surgindo apenas para reforçar as angústias de Diana. Sua única carta enviada à amiga surge como questionamento sobre a demora nas respostas, demonstrando sua preocupação.

Álvaro de Sepúlveda

É o esposo de Diana, Álvaro de Sepúlveda é um homem de grande prestígio social, conhecido por sua bondade, honestidade e postura irrepreensível. Embora seja um marido afetuoso e respeitoso, carrega em seu passado um amor não correspondido por D. Branca de Alvarães, mãe de Diana, um fato que adiciona complexidade ao seu relacionamento conjugal.

Apesar de sua posição de destaque, Álvaro possui poucas falas ao longo da primeira parte do livro, sendo mais citado por Diana do que ativamente envolvido nos eventos principais. Sua presença na obra destaca-se pela serenidade e retidão de caráter, mas também pela sutil melancolia de quem vive um casamento sem verdadeira paixão.

Conde d'Alvarães

Irmão de Branca e Amélia, o Conde d'Alvarães é uma figura de respeito na sociedade lisboeta. Seu papel mais relevante na trama ocorre ao guardar o manuscrito de Branca, que narra sua história de sofrimento e deveria ser entregue a Diana. Apesar de aparecer pouco, suas ações têm impacto significativo na narrativa.

Viscondessa Beatriz

Filha do Conde d'Alvarães e amiga de Diana, Viscondessa Beatriz é uma personagem secundária que possui poucas falas e participa brevemente da trama, refletindo o círculo social da protagonista.

Nuno d'Alvarães

Nuno d'Alvarães é o amante de Diana, um jovem de beleza singular e grande prestígio social. Sua paixão por Diana o conduz a um estado de revolta e sofrimento, pois sente-se indigno de possuí-la. O relacionamento entre ambos se desenvolve por meio de cartas apaixonadas, onde se revela o intenso desejo e a dor da impossibilidade desse amor: *“Diana, minha luz e minha ruína, o mundo nos separa, mas meu coração pertence a ti.”*

A paixão proibida e suas consequências fazem de Nuno uma figura trágica, que se desespera diante da realidade imposta pela sociedade.

D. Branca de Alvarães

Protagonista da segunda parte do livro, D. Branca de Alvarães é uma mulher de grande inteligência e formosura, nascida na alta sociedade e criada com a esperança de dedicar-se aos estudos. No entanto, seu destino é moldado pelo casamento por conveniência com D. Jorge de Melo, o que resulta em uma vida de sofrimento.

Sua história é narrada através do manuscrito que deixa para a filha, onde expõe suas angústias e o relacionamento extraconjugal com Rodrigo Lacerda, que a leva à ruína.

D. Jorge de Melo

Esposo de Branca, D. Jorge de Melo é um homem de caráter duvidoso, ambicioso e frio. Filho de um fidalgo falido, reconquista seu prestígio social através do casamento e da adoção por Marquesa Micaela. Sua relação com Branca é marcada pelo distanciamento emocional e por sua infidelidade com a Marquesa Micaela.

Rodrigo Lacerda

Amante de Branca, Rodrigo Lacerda é um homem sem grande prestígio social, de caráter persuasivo e oportunista. Sonha em ser escritor, mas fracassa em sua ambição. Sua relação com Branca é envolta em ilusões e decepções, levando-a a um destino trágico.

2.8. o desfecho epistolar

O desfecho do romance se dá por meio de uma carta final, na qual a protagonista atinge o ápice de sua reflexão sobre sua própria vida. Essa última epístola pode ser interpretada como um testamento emocional, em que a personagem sintetiza suas dores, aprendizados e esperanças. O destino trágico da protagonista reflete a ausência de alternativas para mulheres que se viam aprisionadas pelas convenções sociais e pela opressão patriarcal.

"O suicídio é aqui explicado a partir de uma força motriz literária e romântica e outra religiosa. Por um lado, tal como Werther de Goethe, a protagonista põe fim à vida para pôr fim ao sofrimento que amar continuamente infligia" (Silva, 2020, p. 76-77).

Esse trecho demonstra a inevitabilidade da tragédia, pois a personagem não encontra nenhuma saída dentro das estruturas sociais que a limitam. Seu sofrimento, expressado ao longo de toda a obra, culmina no desfecho melancólico que caracteriza muitos romances do século XIX.

3. A ESTRUTURA EPISTOLAR EM *HERANÇA DE LÁGRIMAS*

Neste capítulo, analisamos como a estrutura epistolar influencia a construção da narrativa, a caracterização das personagens e o desenvolvimento dos temas centrais da obra. Além disso, discutimos como essa escolha estilística dialoga com outros romances epistolares da época e reforça a crítica social presente na obra de Ana Plácido.

O romance epistolar é um gênero literário no qual a história se desenvolve por meio da troca de cartas entre as personagens. Essa técnica narrativa remonta ao século XVIII, com obras clássicas como *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, e *Pamela*, de Samuel Richardson. Segundo Cabral (1991, p. 34), o formato epistolar cria uma relação de cumplicidade entre autor, narrador e leitor, proporcionando uma experiência mais subjetiva e emocional.

Na literatura portuguesa do século XIX, o romance epistolar foi utilizado por diversos escritores para expressar conflitos amorosos, dilemas morais e restrições sociais. Ana Plácido adota essa estrutura em *Herança de Lágrimas* para dar voz a suas personagens femininas, permitindo-lhes expressar suas angústias, desejos e frustrações em uma sociedade que as silenciava.

3.1 A Função da estrutura epistolar em *Herança de lágrimas*

O romance possui a estrutura narrativa que se desenvolve por meio da troca de cartas entre personagens. Esse recurso estilístico desempenha um papel crucial na obra, não apenas como ferramenta de organização da história, mas também como um meio de aprofundamento psicológico das personagens femininas. A correspondência entre Diana de Sepúlveda e sua amiga Henriqueta d'Aguiar confere um tom de confissão ao texto, permitindo à protagonista expressar suas angústias, frustrações e anseios dentro de uma sociedade patriarcal.

A função da escrita epistolar vai além da simples narração dos fatos: ela se torna um diário íntimo, um espaço de autorreflexão e desabafo. Segundo Cabral (1991, p. 34), as cartas de Diana estabelecem um elo de cumplicidade entre autora e leitor, que assume o papel de testemunha silenciosa dos conflitos internos da personagem. Esse efeito aproxima *Herança de Lágrimas* de outras obras do período, como *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), de Goethe, e *La Nouvelle Héloïse* (1761), de Rousseau, que

também utilizam a troca epistolar como meio de aprofundamento emocional e psicológico dos protagonistas.

Além de reforçar o intimismo da narrativa, a estrutura epistolar em *Herança de Lágrimas* permite uma divisão clara entre o espaço privado e o espaço público. Diana escreve suas cartas em momentos de solidão, revelando sentimentos e pensamentos que não poderia expressar abertamente. O ato de escrever se torna, portanto, um gesto de resistência e um meio de escapar da opressão social. Como observa Santos (2011, p. 102), o gênero epistolar na literatura oitocentista frequentemente servia como um espaço simbólico de liberdade para as mulheres, que, por meio das cartas, conseguiam manifestar suas emoções e refletir sobre seu próprio papel na sociedade.

3.1.1 A intimidade das cartas: a voz feminina em primeira pessoa

Ao longo do romance, as cartas escritas por Diana desempenham uma função dupla: por um lado, são dirigidas à amiga Henriqueta, mas, por outro, parecem falar diretamente ao leitor, criando uma conexão emocional imediata. Essa característica é evidente logo nas primeiras páginas, quando Diana escreve sobre sua chegada a Lisboa ao lado do marido e suas primeiras impressões sobre a cidade:

“A minha alma inquieta e pensadora levou-me a estudar o amor, essa paixão sublime que aniquila ou engrandece, nos romances de época. Achei, porém, fastidiosas as descrições, e algumas enjoativamente imitadas. Ou o espiritualismo piegas sem aquele cambiante admirável do Raphael, de Lamartine; ou a sordidez da matéria tressuando no arredondado das formas e das galanices do estilo.” (Plácido, 2019, p. 18)

Esse trecho revela a natureza introspectiva das cartas de Diana, que usa a escrita para refletir sobre o amor e sua visão idealizada desse sentimento. Sua insatisfação com as descrições românticas sugere um olhar crítico sobre a literatura sentimental da época, indicando que sua experiência pessoal desafia os ideais românticos convencionais.

A relação epistolar também funciona como um espelho no qual Diana projeta suas incertezas e conflitos internos. Em outro trecho, a protagonista expressa seu desespero e desejo de libertação, que, no entanto, é constantemente frustrado pelas normas sociais:

“Sinto um desejo quase invencível de pôr termo a este flagelo incessante do meu espírito.” (Plácido, 2019, p. 22)

Aqui, percebe-se que a escrita é um meio pelo qual Diana tenta dar sentido à sua dor e desamparo. Esse aspecto confessional aproxima *Herança de Lágrimas* de outras narrativas epistolares femininas do século XIX, em que a carta era frequentemente usada como um espaço de desabafo e questionamento do papel da mulher na sociedade.

3.1.2 A Dualidade entre voz pública e voz privada

A escrita epistolar também permite que Ana Plácido explore a dualidade entre a esfera privada e a esfera pública. Enquanto na sociedade oitocentista as mulheres eram incentivadas a manter uma postura discreta e submissa, as cartas ofereciam um espaço onde podiam expressar seus verdadeiros sentimentos. Isso fica evidente quando Diana comenta sobre a hipocrisia da sociedade e as máscaras que as pessoas precisam usar para sobreviver no meio social:

“A sociedade é o que tu sabes: é uma velha hipócrita e andrajosa, coberta com manto de veludo. Aqui não há nem se precisa senão de dinheiro, esperteza e uma boa máscara para gozar distrações e respeitos.” (Plácido, 2019, p. 28)

Através desse comentário, Diana revela sua visão desencantada sobre o mundo ao seu redor. Sua crítica à falsidade social sugere que a protagonista reconhece a impossibilidade de viver plenamente seus sentimentos em um ambiente dominado por aparências e convenções.

Além disso, a relação epistolar entre Diana e Henriqueta também reflete uma estrutura hierárquica de vozes dentro da narrativa. Como observa Cabral (1991, p. 34), apesar de Henriqueta ser a destinatária das cartas, sua presença na narrativa é mínima, o que reforça a centralidade da voz de Diana. Em certo sentido, Henriqueta representa o leitor idealizado, aquele que escuta e acolhe sem julgar. Esse recurso permite que Ana Plácido direcione suas críticas à sociedade oitocentista de forma mais incisiva, pois o leitor é colocado na posição de cúmplice e observador dos conflitos femininos.

3.1.3 A Escrita como resistência e busca por identidade

Outro aspecto fundamental da estrutura epistolar em *Herança de Lágrimas* é a maneira como a escrita se torna uma forma de resistência. A carta é um espaço onde Diana pode questionar, refletir e, até certo ponto, subverter as normas que regem sua vida. Segundo Santos (2016, p. 102), a narrativa epistolar de Ana Plácido “é uma denúncia de si e dos outros, uma libertação de quem viveu demasiadamente a injustiça e a predestinação de ser infeliz”.

Esse papel da escrita como resistência fica evidente quando Diana descobre que sua mãe, Branca, também viveu uma história de sofrimento semelhante à sua. Ao reconstruir a trajetória materna por meio da memória e da escrita, a protagonista compreende que sua própria experiência não é única, mas parte de um ciclo histórico de opressão feminina.

Como sintetiza Santos (2013-2014, p. 916), “a originalidade de Ana Plácido foi a de contrapor à visão encantada do adultério como libertação, a narrativa do que se passa depois: a (re)construção da identidade e da felicidade da mulher que ousou transgredir”. Dessa forma, a estrutura epistolar não apenas narra um drama pessoal, mas também questiona os limites impostos às mulheres no século XIX.

3.2 A Relação entre a forma epistolar e a crítica social

A escolha do formato epistolar em *Herança de Lágrimas* (1871) não se limita a um recurso estilístico, mas constitui um mecanismo essencial para a crítica social que permeia a obra de Ana Plácido. Através da troca de cartas entre Diana de Sepúlveda e sua amiga Henriqueta d’Aguiar, a narrativa enfatiza os dilemas femininos do século XIX, evidenciando as restrições impostas às mulheres no casamento, na moralidade e nas escolhas individuais.

A escrita epistolar, ao dar voz direta às personagens femininas, subverte o silenciamento imposto pela sociedade patriarcal. Como observa Santos (2011, p. 102), o discurso de Diana antecipa questões feministas, pois suas cartas funcionam como um espaço no qual ela pode refletir sobre sua condição, seus desejos e os limites que lhe são

impostos. Ao contar sua história e a de sua mãe, Branca, Diana não apenas resgata uma memória feminina marginalizada, mas também denuncia as injustiças estruturais que determinam seus destinos.

O uso das cartas também reforça o papel da memória na narrativa, funcionando como um alerta para as mulheres que enfrentam dilemas semelhantes. Como apontam Owen e Alonso (2009, p. 69), a recuperação do passado por meio da escrita epistolar não apenas ajuda Diana a compreender seu próprio presente, mas também evidencia os riscos e as punições sociais direcionadas àquelas que desafiam as normas impostas.

3.2.1 A estrutura epistolar como ferramenta de denúncia social

A estrutura epistolar confere à obra um tom confessional e intimista, aproximando o leitor das angústias e sofrimentos da protagonista. No entanto, mais do que um simples desabafo, as cartas revelam um profundo questionamento das normas sociais. Diana, ao escrever para Henriqueta, reflete sobre as convenções do matrimônio e a hipocrisia que permeia as relações entre homens e mulheres:

"A sociedade é o que tu sabes: é uma velha hipócrita e andrajosa, coberta com manto de veludo. Aqui não há nem se precisa senão de dinheiro, esperteza e uma boa máscara para gozar distrações e respeitos." (Plácido, 2019, p. 28)

Essa visão crítica da sociedade reflete a experiência pessoal de Diana, que, ao longo do romance, percebe que seu casamento não lhe proporciona felicidade, mas sim uma prisão social. Assim como sua mãe, Branca, ela se vê encurralada em um sistema que subordina a mulher aos interesses e desejos masculinos.

A narrativa epistolar permite que Diana exponha sua crescente desilusão com a instituição do casamento. Em um de seus momentos de maior desespero, ela confessa:

"Sinto um desejo quase invencível de pôr termo a este flagelo incessante do meu espírito." (Plácido, 2019, p. 22)

Esse trecho revela a profundidade do sofrimento da protagonista, que se vê sem alternativas dentro da estrutura social em que vive. A carta, nesse sentido, funciona como um grito de socorro e, ao mesmo tempo, como uma forma de resistência. Ao escrever,

Diana se recusa a aceitar passivamente seu destino e busca compreender sua própria história.

3.2.2 A Crítica ao matrimônio e à moralidade feminina

A obra de Ana Plácido dialoga com a tradição literária do século XIX ao problematizar o casamento como uma instituição coercitiva para as mulheres. Assim como em obras de autoras como George Sand e Júlia Lopes de Almeida, o matrimônio em *Herança de Lágrimas* não é retratado como uma realização romântica, mas sim como uma imposição social que limita as possibilidades femininas.

Diana percebe que sua infelicidade conjugal não é um caso isolado, mas sim um reflexo da estrutura patriarcal que define o destino das mulheres. Sua mãe, Branca, viveu um drama semelhante ao seu, sendo forçada a um casamento sem amor e condenada ao ostracismo quando tentou buscar sua própria felicidade. Como observa Santos (2013-2014, p. 916), Ana Plácido inova ao mostrar não apenas o adultério como um ato de transgressão, mas também suas consequências, levando a protagonista a reconstruir sua identidade em meio à rejeição social.

A diferença de tratamento entre os sexos em relação ao adultério é um dos pontos centrais da crítica social presente na obra. Enquanto os homens podem trair sem que isso afete sua posição social, as mulheres que desafiam a moralidade vigente são punidas severamente. Em um dos momentos mais impactantes do romance, Branca reflete sobre essa desigualdade:

"Ele por si era homem, podia traí-la quantas vezes a isso o levassem as veleidades, os caprichos, e as ocasiões sem ter de dar contas à sociedade, nem macular o seu nome; mas ela! Branca d'Alvarães desonrar-se a si e aos seus." (Plácido, 2019, p. 185)

Essa constatação demonstra a estrutura misógina que permeia a sociedade retratada na obra. O adultério masculino é tolerado e até mesmo esperado, enquanto o feminino é visto como um crime imperdoável.

3.2.3 A Memória e a escrita como resistência feminina

A narrativa epistolar também desempenha um papel fundamental na construção da memória e na resistência feminina. Ao escrever suas cartas, Diana não apenas revisita sua própria história, mas também resgata a trajetória de sua mãe, reconstruindo um passado que foi silenciado pela sociedade. Como aponta Santos (2011, p. 113), a escrita na obra de Ana Plácido está intimamente ligada à ideia de identidade e poder feminino:

"Depreende-se então que se a nossa escritora se interessou tanto pela temática da relação amorosa e do casamento foi por considerar o amor inseparável da estruturação do poder familiar e das demais relações que se estabelecem na sociedade." (Santos, 2011, p. 113)

A escrita epistolar, portanto, não apenas permite que Diana expresse seus sentimentos, mas também funciona como uma forma de reconstrução histórica. Através de suas cartas, ela dá voz às mulheres que vieram antes dela, criando uma linha de continuidade entre diferentes gerações de mulheres que enfrentaram as mesmas dificuldades.

A memória, na obra, não é apenas um elemento narrativo, mas também um instrumento de aprendizado. Como observa Owen e Alonso (2009, p. 69), a reconstrução do passado por meio da escrita serve como um alerta para as futuras gerações, evitando que os mesmos erros sejam repetidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *Herança de Lágrimas*, de Ana Plácido, permite compreender não apenas a complexidade da narrativa epistolar, mas também o impacto das convenções sociais na vida das mulheres do século XIX. Através das cartas da protagonista, observa-se a construção de uma subjetividade feminina marcada pela repressão, pelo sofrimento e pela luta contra um destino imposto.

O romance apresenta um retrato fiel da realidade da época, destacando como as relações de poder dentro do casamento e da sociedade contribuíam para a subjugação das

mulheres. A personagem principal, apesar de sua resistência interna, se vê cada vez mais encurralada, refletindo o dilema vivido por muitas mulheres da época: a impossibilidade de exercer autonomia sobre suas próprias vidas.

O formato epistolar da obra permite que a narrativa se aproxime do leitor de forma mais íntima, revelando as emoções e pensamentos mais profundos das personagens. Como evidenciado nas cartas analisadas, a protagonista oscila entre a submissão e a tentativa de se libertar das amarras sociais, enquanto os demais personagens desempenham papéis fundamentais na trama, ora como opressores, ora como aliados.

Além disso, o romance de Ana Plácido se insere em um contexto de valorização da literatura feminina, trazendo à tona discussões sobre o lugar da mulher na literatura e na sociedade. Como foi ressaltado ao longo desta pesquisa, a autora foi uma das pioneiras na escrita feminina em Portugal, mas sua obra permaneceu obscurecida pelo legado de Camilo Castelo Branco. O resgate de *Herança de Lágrimas* não apenas ilumina a relevância de Ana Plácido como escritora, mas também contribui para a reconstrução da história literária sob uma perspectiva mais inclusiva.

Por fim, *Herança de Lágrimas* demonstra como a literatura pode funcionar como um espaço de denúncia e resistência, expondo as injustiças sociais e dando voz àquelas que foram historicamente silenciadas. O estudo da obra evidencia a importância do romance epistolar como um gênero que permite uma imersão profunda na subjetividade das personagens, tornando-se um veículo poderoso para a expressão das angústias e desafios vividos pelas mulheres no século XIX. Assim, a leitura e a análise dessa obra se fazem essenciais para uma compreensão mais ampla da literatura feminina e das lutas por igualdade ao longo da história.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: *Forense Universitária*, 2015.
- BALLART, Josep. **El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso**. Madrid: Ariel Patrimonio, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: *Companhia das Letras*, 1999.
- CABRAL, Fernanda Damas. Ana Plácido. **Estudo, cronologia, antologia (narrativa)**. *Caminho*, Lisboa, 1991.
- CANDIDO, Antonio. **A Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Correspondência**. Lisboa: Empresa Literária Universal, 1930.
- CORREA, C.; JUSTO, J. **A construção da memória nas narrativas epistolares**. *Revista de Letras*, v. 26, n. 1, p. 249-267, 2010.
- FLORES, Conceição. **Ana Plácido e a escrita feminina no século XIX**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2017.
- FLORES, M. **A voz feminina na literatura portuguesa do século XIX**. Lisboa: Editora Acadêmica, 2017.
- GOMES, Laura. **O feminino na literatura portuguesa: Ana Plácido e suas personagens**. Coimbra: *Almedina*, 2017.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Tradução de Gilza Maria F. da Costa. São Paulo: *EDUSP*, 1975.
- MACHADO, Álvaro Manuel. Introdução. In: PLÁCIDO, Ana. **Meditações**. Porto: Imprensa Nacional, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gêneros de discurso e enunciação**. São Paulo: Parábola, 1995.
- MEDEIROS, Constantino Luz de. **O romance epistolar europeu no século XVIII: da sentimentalidade ao amor filosófico**. *Revista Cerrados*, v. 32, n. 63, dezembro 2023, pp. 72-84.
- MENDES, J. **Cartas e confissões: A expressão do eu na literatura epistolar**. São Paulo: *Letras e Vozes*, 2018.
- NASCIMENTO, Ellen Elsie Silva. **Romance necessário: estética e intenção do romance epistolar La Nouvelle Héloïse de Rousseau**. São Paulo: USP, 2012.

OWEN, Hilary; ALONSO, Cláudia Pazos. Women Writers up to 1974. Em: Parkinson, S.; Alonso, C. P.; Earle, T. F. (org.). **A Companion to Portuguese Literature**. Tamesis, Woodbridge, 2009, p. 168-181.

PLÁCIDO, Ana. **Herança de Lágrimas**. (Prefácio de I. Pedrosa). Sibila Publicações, Lisboa, 2019.

PLÁCIDO, Ana. **Meditações**. Porto: Imprensa Nacional, 1995.

SANTOS, Maria Eduarda Borges dos. **Ana Plácido ou a «transgressão» feminina**. Em: **Dedalus**. *Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, II, 18: 901-916, 2013-2014.

SANTOS, Maria Eduarda Borges dos. Ana Plácido, Maria Amália Vaz de Carvalho e Ana de Castro Osório: **reflexões sobre casamento e divórcio**. Em: BESSA, M. G.; SILVA, M. A. (org.). *Femmes oubliées dans les arts et les lettres au Portugal (XIX-XX siècles)*. Indigo, Paris, 2016, p. 97-109.

SANTOS, Maria Eduarda Borges dos. **Da identidade feminina na ficção portuguesa de Oitocentos: voz(es) de mulher, perspectiva(s) de autor**. Tese de doutoramento. Universidade de Salamanca, 2011.

SILVA, Fabio Mario da. **Os dilemas femininos no romance Herança de Lágrimas, de Ana Plácido**. *E-letras com Vida*, n.º 5, jul./dez. 2020, p. 143-155.

SILVA, R. **Narrativas em primeira pessoa: O gênero epistolar na literatura oitocentista**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

SOUZA, L. **Escrevendo para existir: A correspondência feminina no século XIX**. Porto Alegre: Editora Literária, 2015.

ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. **O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis**. Dissertação de Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa – Investigação e Ensino, Universidade Aberta, 2016.